

16
ISSN 1516-2907

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Reitor – Naomar Monteiro de Almeida Filho

FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Direção – Celi Nelza Zülke Taffarel / Iracy Silva Picanço

EDITOR

Nelson De Luca Pretto (nelson@pretto.info)

CONSELHO EDITORIAL INTERNACIONAL

Yves Lenoir - Université de Sherbrooke (Québec)
Leoncio Vega Gil - Universidade de Salamanca (Espanha)
Michael Young - Universidade de Londres
London Knowledge Laboratory
Paulo Maria Bastos da Silva Dias - Universidade do Minho (Portugal)
Carolina Silva Souza - Universidade de Algarve (Portugal)

CONSELHO EDITORIAL NACIONAL

Afrânio Catani – USP
Ana Lúcia Eduardo Farah Valente – UnB
Antonio Flávio B. Moreira – UCP/RJ
Eunice Trein – UFF
Graça Paulino – UFMG
Heleusa Figueira Câmara – UESB
Jacques Therrien – UFC
Lucília Regina de S. Machado – UFMG
Maria Antonia Coutinho – UNEB
Paulo Gileno Cysneiros – UFPE
Roberto Romano – UNICAMP

COMISSÃO EDITORIAL / Faced

Cleverson Suzart Silva
Dinéa Maria Sobral Muniz
Eduardo Sande
Iara Rosa Farias
Lúcia Maria da França Rocha
Maria Cecília de Paula Silva
Prudente Pereira de Almeida Neto

Secretário de Redação e Revisor
Álvaro Cardoso de Souza (alvaroc@ufba.br)

Normalização

Sônia Chagas Vieira (svieira@ufba.br)

Assistente

Aracele Cunha (aracele@ufba.br)

Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Educação
Av. Reitor Miguel Calmon s/nº
Vale do Canela
40.110-100 – Salvador – Bahia – Brasil

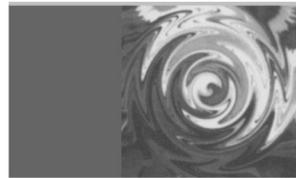
Fone: + 55 71 3283 7272

Fax: + 55 71 3283 7292

revista@faced.ufba.br

www.faced.ufba.br

www.revistafaced.ufba.br



Revista da
FACED

Universidade Federal da Bahia

Faculdade de Educação
Universidade Federal da Bahia
Ano 2009, n.º 16
jul./dez.
ISSN 1516-2907



Capa
Joenilson Lopes

Projeto gráfico
Joenilson Lopes

Editoração eletrônica
Alana Gonçalves de Carvalho

Arte final
Genilson Lima

A Revista da FACED é uma publicação semestral da Faculdade de Educação da UFBA com o objetivo de divulgar artigos, ensaios, resenhas, entrevistas e depoimentos, charges e imagens.

Serão aceitos para publicação apenas textos originais, isto é, que não tenham sido publicados em coletâneas ou outra revista acadêmica nacional ou estrangeira. Textos publicados em Anais de eventos científicos poderão ser submetidos.

Fontes de indexação:

BBE – Bibliografia Brasileira de Educação - INEP – Brasília

EDUBASE (Faculdade de Educação/Unicamp, SP, Brasil)

ICAP – Indexação Compartilhada de Artigos e Periódicos (rede Pergamum)

IRESE – Índice de Revistas de Education Superior e Investigacion Educativa. UNAM, México.

Fontes de registro:

CCN – Catálogo Coletivo Nacional (IBICT, Brasília, DF.)

Latindex – Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, en Caribe, Espanã y Portugal.

UNC – University Libraries

Scientific Commons

Versões on-line: <http://www.revistafaced.ufba.br>

FACED/ UFBA/ Biblioteca Anísio Teixeira

Revista da FACED. - N. 0 (out. 1994)-. - Salvador, BA : Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, 1994-
v. : il.

Semestral.

Descrição baseada em: N. 13 (jul./dez. 2008).

Revista da FACED on-line (desde 1994): <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/rfaced> >

ISSN 1516-2907

1. Educação – Periódicos. I. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação.

CDD 370.5
CDU 37(05)

Sumário

Editorial.....7

Dossiê: Dança inclusiva

(Im)possibilidades de (re)construção cênica:

o (i)limitado e o (im)perfeito trocando uma ideia com o estético e o político
Paulo Emílio Machado de Azevedo.....

Discurso e prática da dança inclusiva/integrada:

uma análise com referência a companhias e ao ambiente de dança
no Reino Unido
Carla Vendramin.....

Deficiências: pensando espaços entre dança e terapia

Virgínia Laís Souza.....

Dança inclusiva e o efeito borboleta

Andréa Lucia Sérgio Bertoldi

Claudia Aparecida Fantin de Souza.....

Artigos

Compreensão e práxis pedagógica: experiências e atualizações

Maria Roseli Gomes Brito de Sá

Maria Antonieta de Campos Tourinho.....

Educação on-line: o gênero textual mensagem como artefato tecnológico
potencializador da interação dialógica

Elane Nodotto Rioz

Roney Pereira Cabral.....

Deixando pra lá: juventude fronteiriça e educação pós-moderna

Henry A. Giroux

Tradução: Maria Inez Carvalho.....

Resenhas

NADA sobre nós sem nós. Oficina Nacional de Indicação de Políticas Públicas Culturais para Inclusão de Pessoas com Deficiência: relatório final 16 a 18 de outubro de 2008. Rio de Janeiro, RJ: ENSP/FIOCRUZ, 2009.

Fátima Campos Daltró de Castro.....

VERRIER, Christian. *Jacques Ardoino*: pédagogue au fil du temps. Préface de René Barbier. Paris: Téraèdre, 2010. 244 p.

Roberto Sidnei Macedo

TROTSKY, Leon. Programa de transição. In: MARX, Karl et al. *O Programa da Revolução*. Brasília, DF: Nova Palavra, 2008.

Carolina Nozella Gama

Cláudio de Lira Santos Júnior.....

Editorial

Pela primeira vez a nossa Revista da FACED publica um número com um dossiê temático. Essa é uma tendência das revistas acadêmicas e estamos planejando vários outros. Além do dossiê, desta feita construído em conjunto com a Escola de Dança da UFBA como parte do 1º Encontro de Dança Inclusiva, mantemos o nosso fluxo contínuo de recebimento e publicação de artigos.

Estivemos trabalhando juntos durante este período para viabilizar este número como uma forma de contribuir para a reflexão no campo educacional das atividades, atitudes e possibilidades trazidas para a educação pelas pessoas com deficiência. Isso porque acreditamos que os modos de pensar a realidade de hoje são integradores e apresentam um fluxo contínuo de processos e dinâmicas de campos interpenetrantes de informações que estão relacionados a avanços em estudos científicos, filosóficos, tecnológicos, econômicos, sociais e políticos. Esse modo de pensar e ver as coisas do mundo é parte de um processo coevolutivo que modifica o corpo, seus modos de comunicação, criando redes de conexões nesses diversos campos de ação. No fazer artístico, na arte contemporânea, na educação e, especificamente na dança, esse diálogo entre arte e ciências no campo das diversas mediações tecnológicas e comunicacionais nos faz entendê-la como um fenômeno complexo, apresentado como singularidades do corpo fora da perspectiva dualista. Ações artísticas como intervenções urbanas, residências artísticas temporárias entre grupos de dança, reuniões como um coletivo para pensar/estudar dança e contemporaneidade, as exposições dessas ações na comunidade, tudo isso aponta as novas emergências que a arte/artista/corpo vêm encontrando para dialogar com o mundo de hoje, e o corpo do artista com deficiência é parte desse contexto. Aqui, a educação tem um papel privilegiado e os artigos deste número apontam nesta direção.

Este dossiê, como já dito, foi construído a partir do 1º Encontro de Dança Inclusiva que buscou refletir sobre a participação efetiva das pessoas com deficiência no processo de inclusão social, tão difundida nos últimos tempos, sobretudo no campo artístico da dança. As discussões giraram em torno de acessibilidade,

profissionalização e inserção no mercado de trabalho de artistas/dançarinos com deficiência que não tiveram acesso à informação e à formação em dança, seja nos ambientes acadêmicos e espaços formais de ensino de dança. O foco das discussões se deu em torno da criação, elaboração e exposição da dança do (no) corpo do dançarino com deficiência, refletindo sobre as relações estreitas entre corpo, ambiente, comunicação e educação. Situar esse modo de ser e de agir no campo da pesquisa artística e ou acadêmica em dança, especificamente no corpo do dançarino com deficiência, foi assunto largamente discutido no Encontro. Entendemos ser essa uma proposta relativamente nova, que tem despertado o interesse em diversos setores da sociedade, o que vem flexibilizando algumas fronteiras. Mas, embora essas fronteiras se encontrem esgarçadas, ainda é evidente a presença de resistências que têm como origem o preconceito, a falta de informação e a vivência com a diversidade.

Romper essas barreiras é importante para socializar as informações e permitir que as teorias se aproximem e possam revelar a realidade emergente. É frisar que um dos motivos norteadores dessa empreitada foi a constatação de que existem muitos grupos e projetos que trabalham a dança com pessoas com deficiência, mas poucos investem na sua profissionalização e raramente buscam formar artistas com capacidades criativas e independência. Além disso, a experiência com a atividade de extensão Poéticas da Diferença (2004/2009), atualmente projeto de pesquisa vinculado ao PPGDANÇA/Escola de Dança/UFBA, com o Grupo X de Improvisação em Dança, colaboradores, estudantes de graduação e pós-graduação em dança, e participantes do projeto Oficinas de Dança para Pessoas com Deficiências, seus cuidadores e comunidade, projeto hora vinculado ao Programa ACC/UFBA(2009/2010), fez perceber a necessidade de abrir discussões sobre o corpo com deficiência, para compartilhar as experiências e os avanços no que se refere à informação, formação e profissionalização artística das pessoas com deficiência. Por isso mesmo se optou em reunir artistas com e sem deficiência, pesquisadores em dança, profissionais na área de comunicação, educação, psicologia e produção para promover um debate interdisciplinar. Em paralelo, para dar suporte às indagações e fortalecer os vínculos entre os diversos participantes do Encontro, se ofereceu uma programação extensa para a apreciação de obras artísticas, oficinas de criação em dança com o objetivo de trocar

experiências e ampliar o trânsito das informações, bem como minicursos e debates interativos abertos ao público como estratégia para franqueamento das reflexões e difusão do conhecimento nesse campo de ação.

Consideramos de suma importância que a discussão partisse dos artistas com deficiência e que cada um pudesse relatar suas experiências e expectativas. A pergunta “A dança é da deficiência ou do deficiente?” mediou as reflexões para analisar, no contexto contemporâneo, que estratégias de sobrevivência são engendradas por grupos e ou dançarinos com deficiência, para acesso ao mercado de trabalho e ao campo artístico. Nesse sentido, chamamos a atenção para as obras artísticas criadas por/com essas pessoas e para o fato de que na arte, e especificamente na dança, os discursos que emergem dessas obras, muitas vezes, falam do corpo vítima/coitadinho, ideias que estimulam a crença da ineficiência e na incapacidade de autogerência. Partindo das relações que a arte contemporânea propõe, no caso a dança, e entre ela e outras áreas de conhecimento, vislumbramos a possibilidade de uma nova projeção para o espaço urbano e para as cidades globais, gerando outras dinâmicas de interação e interpenetração acerca de questões nucleares, como é o caso da relação dança e deficiência, para a compreensão do momento presente e a construção do futuro, via arranjos criativos que o campo artístico é capaz de produzir.

Assim, em acordo com a linha temática na qual se insere, esta proposta veio na tentativa de esclarecer equívocos socioculturais. Percebe-se que relacionar dança e deficiência ainda parece incompreensível ao interlocutor que vê essa relação a partir da bagagem conceitual e cultural recortada pelo senso comum. Determinações sociohistóricas e culturais do universo da dança, tais como as tendências do corpo ideal, virtuoso e de alto rendimento, que ainda são mantidas e promovem uma fixação de circuitos e sistemas fechados de comunicação, uma redoma protetora edificada sobre as possibilidades de aprofundamento teórico e técnico da questão. A convicção de que essas pessoas não possuem padrões apropriados para dançar sustenta um apartheid que interdita a possibilidade de sua dança ser encarada como outra dança. Além das fronteiras da dança, a situação é mais aparente quando se verifica que esse público normalmente não ocupa cargos mais significativos. O que se vê com frequência é a oferta e a ocupação de tarefas ligadas ao subemprego (faxina,

empacotador), sem perspectiva de crescimento profissional e remuneradas por baixo salário. Uma oferta/ocupação imposta, já que não há possibilidade do candidato fazer suas próprias escolhas e ou verbalizar o que gostaria de ser/fazer no mundo. Estas visões não condizem com o entendimento norteador dessa proposta, o conceito de Corpomídia (KATZ; GREINER, 2005), aqui utilizado para discutir que a dança, se construída no corpo com deficiência, no corpo dito normal, corresponde às experiências vivenciadas, intrinsecamente relacionadas às interferências e obstáculos do viver cotidiano, dos encontros e diálogos na cidade. Aqui se entende que dança acontece por acordos e ajustes entre um corpo (uma coleção de informações específicas) e as informações do ambiente. Outro ponto é o equívoco do termo inclusão, pois quando se afirma uma inclusão se pressupõe e se reafirma a exclusão. Ela se dá a partir da benevolência e generosidade alheia. Considerar estas noções no campo do discurso poético tem nos permitido trazer à tona a complexidade que se estabelece também no corpo do dançarino com deficiência e o aproveitamento de suas potencialidades.

O encontro trouxe para o cenário das discussões reflexões que trataram da formação, acessibilidade, profissionalização e inserção no mercado de trabalho e artístico do dançarino com deficiência, buscando soluções para a elaboração de ações sustentáveis de desenvolvimento humano, econômico, social, cultural e político nos modos de pensar a dança na contemporaneidade. Além disso, estimular a discussão pública valorizando a multi e interdisciplinaridade em torno do tema e a valorização da diversidade de pensamentos sobre o corpo fomentou a produção de conhecimento teórico-prático acerca dos novos parâmetros para a produção cênica em dança elaborados por, com e para o dançarino com deficiência, sua contextualização na contemporaneidade.

Com base nisso, este dossiê foi composto a partir de temáticas que foram discutidas no encontro e compreendem os seguintes artigos: *(Im)possibilidades de (re)construção cênica: o (i)limitado e o (im)perfeito trocando uma ideia com o estético e o político*, de autoria de Paulo Emílio Machado de Azevedo, aborda um tema relevante para as proposições acerca do corpo, estética e atitude política. O texto propõe um diálogo que se faz pela presença do corpo perfeito ou imperfeito mediante a prática da dança. O autor compreende o jogo além de apresentar uma encenação de conflito é, sobretudo,

que o que se estabelece como relação em o corpo que dança tem como epicentro princípios estéticos, neste caso, coreográficos e, por outro lado, políticos, atravessando por sua vez diálogos educacionais e uma dimensão pedagógica de discurso.

O segundo artigo, *Discurso e prática da dança inclusiva/integrada: uma análise com referência a companhias e ao ambiente de dança no Reino Unido*, de autoria de Carla Vendramin, traz questões da abrangência do termo 'acessibilidade'. Está aqui apresentada uma introdução sobre o discurso e a prática da dança inclusiva/integrada a partir de uma análise baseada em algumas companhias e no ambiente de dança no Reino Unido. A autora explica que o termo 'acessibilidade' tem implicações sobre o exercício político de direitos e a divulgação do modelo social sobre a deficiência, o acesso ao treinamento em dança, a informação e a educação da plateia, a pesquisa e o estudo acadêmico especializado, e a amplificação do conhecimento dos críticos de dança nessa área, temática que se situou no foco de discussões.

Dando continuidade, o terceiro artigo, *Deficiências: pensando espaços entre dança e terapia*, de Virgínia Laís Souza, trata da inserção e participação das pessoas com deficiência nas artes, especificamente na dança e levanta questões em torno do pensamento comum onde o virtuosismo é ainda o aspecto principal a ser observado nos espetáculos com pessoas com deficiências. O discurso traz um pensamento diversificado em torno da dança com essas pessoas e indica as possibilidades espaciais disponíveis dentro desse universo que precisam ser preenchidos. Em tempo, pontua equívocos que acompanham suas performances e trabalhos terapêuticos. O recorte levanta reflexões detalhadas sobre a temática e estabelece diálogo claro entre os diversos autores que compõem o aporte teórico, necessário e pertinente ao assunto.

Encerrando o Dossiê, o artigo *Dança inclusiva e o efeito borboleta* das professoras Andréa Lúcia Bertoldi e Claudia Fantin de Souza, ambas da Faculdade de Artes do Paraná, navegar por conceitos da física como as Teorias da Complexidade e do Caos, para estabelecer uma reflexão sobre diferentes contornos do tema, com diversos olhares para a história desse campo de pesquisa em busca de um maior diálogo com outras áreas, fortalecendo assim a própria temática Dança Inclusiva.

Três outros artigos do fluxo contínuo da Revista compõem esse número 16. O primeiro, *Compreensão e práxis pedagógica:*

experiências e atualizações, é de autoria das professoras Maria Roseli Gomes de Sá e Maria Antonieta de Campos Tourinho; relata experiências de duas professoras com seus estudos e atividades de ensino na pós-graduação em torno do tema compreensão e práxis pedagógica. A autora contrapõe a hermenêutica de Wilhelm Dilthey e de Martin Heidegger com a dimensão cognitivista da taxionomia de Benjamim Bloom e, com isso, segundo a autora, “evidenciou-se o caráter formativo desse tema pelas possibilidades de propiciar atualizações/experiências circunscritas ao processo de compreensão”.

O segundo artigo retoma um tema constante na nossa revista, nos últimos números, que é o da presença das tecnologias em rede na educação. Elane Nardotto Rios e Ronney Pereira Cabral, ambos da Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB), discutem a Educação on-line enquanto gênero textual como potencializador da interação dialógica. O texto é fruto das pesquisas oriundas do Curso de Especialização em Gestão Escolar on-line, promovido pelo MEC utilizando da plataforma Moodle. Os autores partem do conceito de interação proposto por Bakhtin (1993, 2003) para discutir mais intensamente a educação on-line.

O último artigo, para fechar este número, é a tradução de um antigo e provocante texto do professor Henry Giroux, pesquisador americano com grande presença no Brasil através de inúmeros livros. *Deixando pra lá: juventude fronteira e educação pós-moderna*, traduzido pela professora da Faced/UFBA Maria Inez Carvalho, “[...] argumenta que o pós-modernismo como um espaço de forças contraditórias e tendências divergentes, torna-se pedagogicamente útil quando fornece elementos de um discurso de oposição para entender e responder à transformação cultural e à mudança educacional que afetam a juventude norte-americana” e, como o leitor poderá constatar, não só da juventude americana.

As resenhas que compõem esta publicação trazem assuntos diversos e implicados na temática tanto do dossiê como dos artigos do fluxo contínuo. Abrimos com a resenha do livro *Nada sobre nós sem nós: oficina nacional de indicação de políticas públicas culturais para Inclusão de pessoas com deficiência: relatório final* 16 a 18 de outubro de 2008. Rio de Janeiro – RJ, publicado pela ENSP/FIOCRUZ em 2009 e foi elaborada pela pesquisadora Fátima Campos Daltro de Castro da UFBA.

A segunda resenha foi elaborada pelo professor da Faculdade de Educação da UFBA Roberto Sidnei Macedo sobre a obra *Jacques Ardoino: pédagogue au fil du temps*, de autoria de Christian Verrier, publicado em Paris pela Editora Téraèdre. A terceira e última resenha do capítulo intitulado *Programa de transição*, de autoria de Leon Trotsky, foi elaborada por Carolina Nozella Gama e Cláudio de Lira Santos Júnior, do livro *O Programa da Revolução*.

Desejamos boa leitura para nossos leitores.

Fátima Daltro
Nelson De Luca Pretto
Editores